



Bença à Benza



CNC | Fecomércio MG
Sindicatos Empresariais | Senac

Sesc, integrado ao Sistema
Fecomércio MG

SESC RAÍZES



CNC | Fecomércio MG
Sindicatos Empresariais | Senac

Sesc, integrado ao Sistema
Fecomércio MG

SESC RAÍZES

*Bença
à Benza*



Sumário



4. Bença à Benza

- 7. Rainha Belinha
- 8. Rainha Evelina
- 9. Mãe Neli
- 10. Ekedi Maria José
- 11. Mãe Josiane

13. O Ofício enquanto missão

16. A Força da oralidade

“Toda palavra de cura, quem fala, confirma o poder da palavra”

19. A importância das folhas

“São plantas não convencionais, mas ó pra quem?”

22. Mulheres de tradição

“Candomblé é filosofia de vida”

25. A herança da esperança

Beneduções, infância e transmissão de saberes

28. Corpos Intermediários e a fé como instrumento

33. Patrimônio Imaterial do Estado:

Nuances entre tradições e instituições

40. A Vida daquilo que é invisível também existe

44. Ficha Técnica



Bença à Benza

Entre rezos e murmurios, gestos e sopros de fé, ecoa em Minas Gerais a voz das benzedeiras. São mulheres de mãos sagradas, portadoras de um saber que atravessa o tempo como um rio subterrâneo, fluindo silencioso, mas presente. Não há pressa em seu ofício, apenas a cadênciça certa das palavras, tecidas no vento da tradição. Seus sussurros são bálsamos, seus gestos, afagos, e sua presença, um refúgio. Elas curam sem bisturis, aliviam sem remédios, **restauram o ser humano na tessitura invisível da fé e da ancestralidade.**

A benzeção é mais do que um rito, é um abrigo de afeto e espiritualidade. Em um mundo acelerado, onde a escuta se dissipa e o toque se torna raro, as benzedeiras resgatam a **essência do cuidado**. Suas palavras não são meros sons, mas fios que costuram o corpo e a alma, reconectando o indivíduo ao tecido maior da coletividade. A dor, muitas vezes silenciada, encontra espaço para se dissolver nos rezos que embalam, nas mãos que desenham no ar gestos antigos de cura.

Herança dos ancestrais, a benzedura é um saber construído na encruzilhada dos povos originários desta terra. Trajetórias que foram marcadas por desenraizamentos e violências encontraram, na oralidade e na partilha, **estratégias de resistência**. Quando a medicina tradicional era um privilégio inalcançável para muitos, as rezadeiras e curandeiras erguiam pontes entre o desespero e a esperança. Eram elas que, em tempos de escassez e enfermidade, transformavam ervas simples em remédios poderosos, e palavras em orações que atravessavam a pele e chegavam ao espírito.

Agentes de saúde comunitária, guardiãs de saberes antigos que atravessam gerações, são muito mais do que curadoras do corpo — são cuidadoras da alma e do espírito.

Aprenderam com os mais velhos os gestos, tecendo em suas práticas uma medicina ancestral que escapa aos moldes convencionais, mas que toca profundamente aqueles que a recebem. Sua atuação nasce do vínculo com o território que habitam e com as pessoas que nele vivem, fazendo delas pilares na construção das identidades locais e no cultivo da solidariedade. No entanto, mesmo sendo fontes de cura e acolhimento, muitas seguem ocultas, benzendo entre portas fechadas ou silenciando suas preces, por conta do preconceito e da invisibilidade institucional que ainda marcam esse ofício sagrado.

Seus corpos intermediários — ramos de arruda, velas acesas, águas perfumadas — são portais para algo maior. São gestos simbólicos que conduzem à cura, mas que, por si só, não curam. A verdadeira força da benzeção não está no objeto em si, mas na intenção que o movimenta, na fé que o impulsiona. O alívio não está na folha, mas na energia com que é ofertada; não está na água, mas na prece que a atravessa. Não há regras fixas, nem dogmas imutáveis, porque **a benzeção não se prende a templos ou escrituras**. Ela vive na experiência, na relação entre quem benze e quem recebe, no laço que se forma no instante sagrado do encontro.

Minas Gerais, com seus vales e serras, suas estradas de poeira e seu silêncio que ressoa, abriga esse saber com a delicadeza de quem acolhe um rio antigo. Não tenta represá-lo, mas o deixa seguir seu curso, sabendo que ele encontrará sempre um caminho. Assim, de geração em geração, as benzedeiras seguem benzendo, curando, mantendo viva uma chama que aquece não só o corpo, mas a alma de um povo inteiro. Elas são **guardiãs de uma memória coletiva** que resiste, se reinventa e, sobretudo, permanece.



Nesta produção, cinco mulheres negras benzedeiras compartilham suas histórias, entrelaçando a força da oralidade ao poder das plantas, revelando os caminhos da transmissão de conhecimento e a aprendizagem do ofício.

Suas vozes trazem impressões sobre a patrimonialização da benzeção em Minas Gerais, suas relações com tradições e religiões de matriz africana, e os desafios de manter vivo um saber que se constrói na prática e na fé.

A benzeção não é apenas um gesto individual, mas **um ato de cuidado coletivo**, um laço ancestral que une gerações, sustentando o equilíbrio entre o visível e o invisível, entre a palavra e a cura.





Rainha Belinha

Rainha Belinha nasceu entre rezas e tambores, coroada princesa da Guarda de Moçambique ainda bebê. Cresceu vendo a fé pulsar em cada gesto, em cada festa, em cada rezar de rosário.

“A resposta é ancestral”, ela diz. E a resposta pode estar em qualquer lugar: “É um livro, é uma televisão, é um jornal, é uma pessoa, é um animal, é uma água no chão”. “A gente não pensa nada disso. E nem pensa que tá aprendendo também. É o cotidiano. E coisas que você vai aprendendo sem saber que tá aprendendo.”



Rainha Evelina

Rainha Evelina aprendeu com seu pai, um homem que andava de um lado para o outro, benzendo, curando com as mãos e a fé. **“Presta atenção que você vai pegar essa minha tradição”**, ele dizia.

E a tradição veio, como um sopro, como uma fumaça misteriosa que pairou sobre seu sono, sobre sua história. “Meu pai morreu sem falar comigo quem era”, mas deixou seu legado, que Rainha Evelina carrega nos gestos e na oração.





Mãe Neli

Mãe Neli tem a terra dentro de si: “A minha bisavó era índia, o meu bisavô era negro, e eles lidavam com a terra”. A terra não é só chão, é também raiz, memória, identidade. É no cultivo das ervas, no saber do mato, na oralidade das receitas que sua família encontrou um modo de resistir.

Mas nem sempre foi fácil. “O meu pai e a minha avó paterna, católica apostólica romana... E aí vinha a trava: Ai, eu não quero feitiço. Ai, eu não quero que mexa com isso”. Mas sua avó era esperta, conhecia os segredos das ervas e a cura que vinha da natureza. **“Eu nasci no meio da oração.”**



Ekedi Maria José

Ekedi Maria José traz consigo o marco doce de suas origens: "Eu sou de São Francisco do Conde, é Recôncavo baiano, eu sou do Candomblé, e minha mãe benzedeira, filha de Obaluayê e Yemanjá. E eu sou filha consagrada a Ossaim e Oxum".

Ela atravessou terras e mares, trazendo a tradição que a fortalece enquanto mulher negra, num movimento de resistência e permanência. "Eu trouxe minhas memórias, minha crença e isso me fortalece."

Atravessar territórios é também plantar memórias, é fazer do corpo um altar de lembranças.





Mãe Josiane

Mãe Josiane recebeu a benzeção como um chamado. **“Eu estava dormindo, tive um sonho, e nesse sonho veio a benzeção, do início ao fim, como a voz já muito conhecida, a voz da minha avó”.**

E o chamado não tardou: no dia seguinte, uma vizinha aflita pedia por socorro, pedindo um caminho, um gesto de fé. Como recusar? Como ignorar o eco da ancestralidade? **“Acordei, escrevi tudo, não esqueci de nada.”**

A oralidade dessas mulheres não é apenas transmissão de conhecimento; é um ato de permanência, de resistência, de reafirmação da identidade negra em um país que tantas vezes tentou silenciá-las. Seus corpos são territórios, suas memórias são patrimônio, suas palavras são um elo que une passado, presente e futuro.

“Nós temos que comer bem”, dizia o pai de Mãe Neli. “Eu quero negro comendo queijo, comendo angu, comendo feijão, porque o que eu passo lá no quartel, eu não quero que vocês passem. Vocês têm que ser negros inteligentes.” O alimento, assim como a fé, também é parte da cura, da manutenção do corpo e do espírito.

A benzeção é, então, mais do que uma oração. É um gesto de cuidado, de proteção, de missão entregue. E, acima de tudo, é uma maneira de manter vivas as vozes dos que vieram antes, guiando, como um sopro de avó, o caminho dos que ainda estão por vir.





O ofício enquanto missão



Aprender a benzer não se faz por imposição, mas por convocação do destino. As palavras das benzedeiras são rastros de um saber que se entrelaça ao corpo, ao tempo, ao vento que sopra e leva adiante os ensinamentos dos antigos. **O aprendizado é rito, é respeito, é escuta e entrega. Ele não ocorre de forma linear, mas em espiral, atravessando sonhos, intuições, observações e vivências compartilhadas.**

Desde menina, Maria José se viu envolta nas cartas da mãe, na leitura de mão, na magia de ver além. No benzer seu chamado fala alto com a ancestralidade, é também uma oportunidade de transmitir o quanto o cuidado com a natureza está intimamente conectado ao nosso autocuidado, à manutenção saudável de nossa espiritualidade. “É nele que ensino quem é Oxum, que conto que não se entra na mata sem pedir permissão, que não se joga nada nas águas.”

Rainha Evelina aprendeu que a benzeção não pode ser moeda de troca. “Se cobrar, não vale nada. Porque Deus andou pelo mundo e disse: ‘Vinde e pregai sem aceitar nada.’” Assim, ela seguiu, retribuindo em fé o dom que lhe foi confiado. “Tem que ter fé na gente. A gente recebe de graça, tem que dar de graça.” E quando vinham de longe perguntar quanto custava, ela respondia sem hesitação: “Não cobro pra benzer, não compro fé.” A gratuidade não é apenas um princípio, mas um fundamento: **a benzeção é doação, não negociação.**

O dom, por vezes, se apresenta como herança misteriosa. Mãe Neli cresceu entre folhas, num quintal onde a voz do passado sussurrava segredos, sob o olhar severo do pai, que resistia de certo modo aos chamados da espiritualidade. “Minha avó tinha ligação com as folhas, mas meu pai tinha pavor.” O medo do desconhecido, a resistência ao invisível, são barreiras comuns na jornada espiritual. Ainda assim, a força do destino se impôs. “Depois que passei no concurso, fui buscar conhecimento, entrei no terreiro. A segurança me permitiu ver.” O aprendizado, para ela, veio no tempo do possível, quando o chamamento já não podia ser ignorado. Jornada que muitas, sobretudo, famílias negras, podem se identificar: é preciso garantir, antes de tudo, aquilo que se come, se veste, se mora. Afinal, todos nós desejamos viver com dignidade!

Mãe Josiane também tentou fugir, mas missão não se recusa. “O dom estava lá, adormecido, até que fui convocada. Aí eu entendi que precisava deixar fluir.” Ser benzedeira, ser Mãe de Santo, é carregar uma responsabilidade que atravessa mundos. “O que eu faço aqui favorece não só os meus, mas aqueles que eu nem conheço, e também os espíritos.” Para ela, **recusar a energia emancipada seria trair sua própria natureza.** “Filha de Oyá não retém, expande. O axé não enfraquece.” A espiritualidade é movimento, é circulação de forças, é energia que se fortalece no compartilhamento. E se

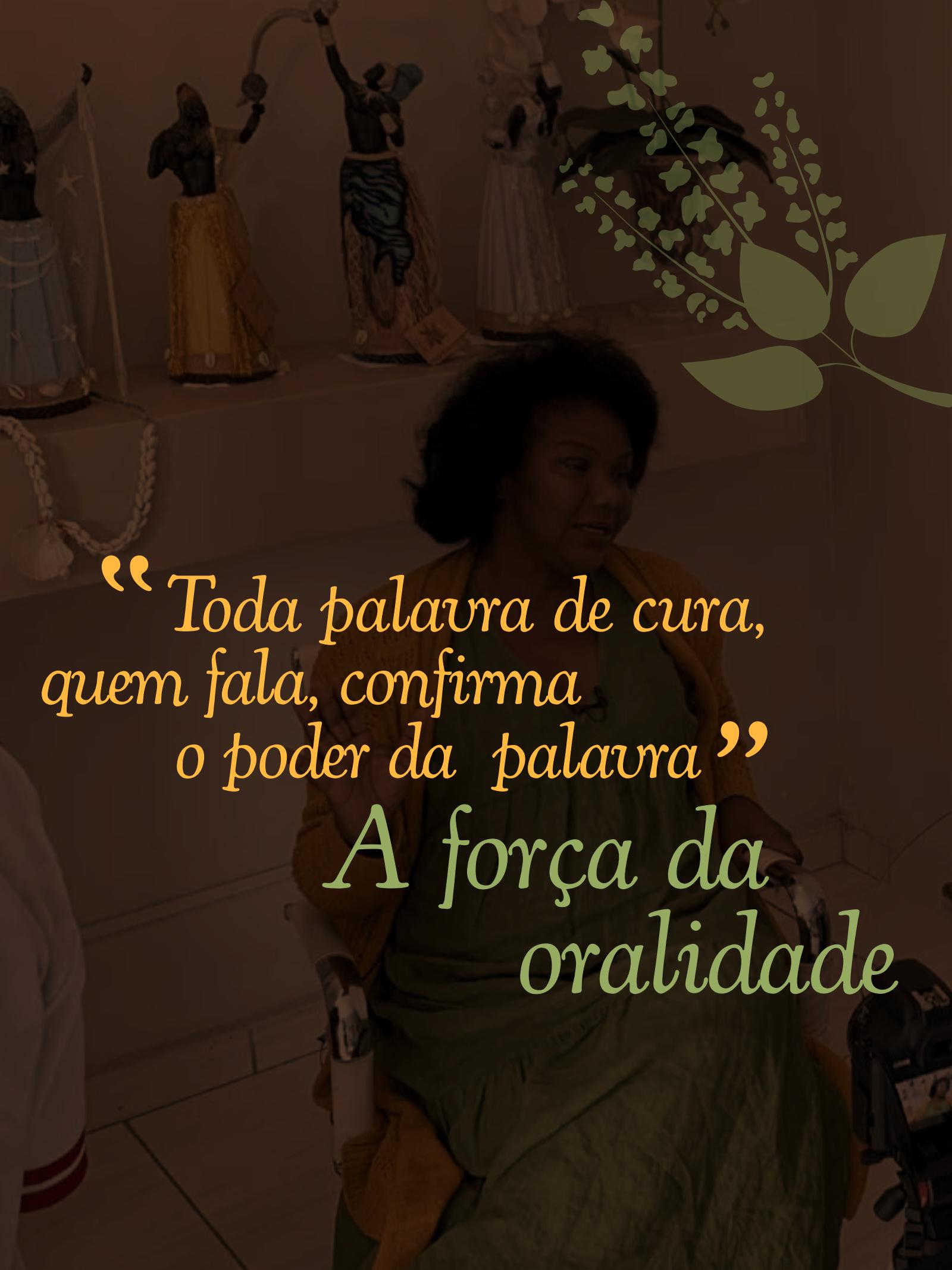


toda mãe que acalenta um filho é benzedeira, então o dom é parte da existência, um gesto tão espontâneo quanto o amor materno, assim nos afirma Mãe Josiane.

Rainha Belinha, por sua vez, precisou reconhecer seus dons para tomá-los de volta. “Pode me devolver. Preciso da criatividade, da orientação”, conversava ela com Deus. **Aprendeu que a reza se move em muitas linguagens, e que a cura não pertence a quem benze, mas ao sagrado.** “Pedi ajuda, a ajuda veio. Se quem chegou aqui veio com fé, o primeiro passo já foi dado.” O aprendizado da benzedeira não se encerra: ele caminha, voa, ecoa nos telefonemas que fazem o necessário chegar. “Meu zap chama Pai Zap de Aruanda”, brinca ela. O sagrado encontra seus caminhos, usa os meios que tem, atravessa tempos e espaços. O gesto de erguer as mãos, a reza e o reiki se encontram – ambos pedem licença, proteção, entrega. Rainha Belinha compartilha uma reza que aprendeu com o Seo Badu: “Ele pede proteção do Divino Pai Eterno, da Virgem Maria, do Mestre Jesus,, pede licença com a mãozinha assim para cima...” A espiritualidade se tece na repetição dos gestos, na confiança de que algo maior age através de nós.

No início, a dúvida: “Mas como é que eu vou falar que eu vou fazer uma cura, gente? Nossa, é demais pra mim.” Depois, a compreensão: “Eu tô pedindo pra ser o veículo. Eu não tô falando, eu vou fazer essa cura, não é? É eles que vão fazer mesmo.” A cura não está na imposição, mas na entrega. E antes mesmo do toque, algo já se transforma. **“Quem veio achando que ia ser ajudado, já tá ajudado. Porque o primeiro passo da pessoa é sair da casa dela e chegar aqui, o serviço já tá sendo feito.” O caminho até a cura já é parte dela.**

O aprendizado do ofício de benzedeira é uma viagem que começa na intuição, passa pela dúvida, pode até flertar com a negação, mas termina sempre na aceitação. O saber é coletivo, ancestral e livre. Ele se manifesta na reza silenciosa de uma mãe que vela o filho doente, na palma que se ergue para pedir licença, na folha que sussurra um ensinamento antigo. Ser benzedeira é, antes de tudo, respeitar a tradição e deixar que ela encontre o seu caminho. Mas é também um ato de coragem, de entrega ao invisível, de serviço ao outro. A benzeção é ponte entre o visível e o invisível, um ato de fé que atravessa gerações e continua vivo enquanto houver quem reze, quem cure, quem acredite.



“Toda palavra de cura,
quem fala, confirma
o poder da palavra”

A força da
oralidade

A palavra, no ofício da benzedeira, é caminho e destino. Ela ecoa do passado, embala o presente e finca raízes no futuro. **A oralidade, para quem benze, não é apenas a transmissão de saberes, mas a própria ferramenta da cura, a força do encantamento.** Maria José nos lembra que, ao benzer, saúda o Ori da pessoa diante de si. “É como se eu quisesse que esse Ori, essa cabeça... fosse acordada para a realidade.” A palavra, neste momento, se torna lâmina sutil, despertando consciência e alinhando o destino. **“A prece é uma poesia”**, ela diz, e nessa poesia, cada nome invocado é uma semente de cuidado plantada com respeito.

O ofício de benzer, em sua essência, não se prende a livros ou documentos, mas vive na voz, no som, na vibração da palavra que cura, que reconecta o ser humano com o sagrado, com a terra, com a ancestralidade. Para as benzedeiras, cada palavra proferida é um elo que se estende, que se materializa em energia, e é justamente por meio dessa energia que se realiza a cura.

Maria José, que carrega a herança de sua mãe, nos ensina o poder da tradição, que atravessa o tempo e o espaço. Ela fala da importância de ter trazido consigo a força dessa memória viva, algo que “fortalece” sua identidade enquanto mulher negra, especialmente ao se mudar para Minas Gerais, onde, com sabedoria, continuou a prática. A oralidade, para ela, não é apenas uma prática, mas uma força que vem de uma linhagem ancestral, que a fortalece e a conecta com seus próprios fundamentos espirituais.

Mãe Neli, que cresceu entre a tradição de ervas e orações de sua avó e mãe, também nos fala da importância da oralidade em sua vida. Ela conta como a cura passou, de geração em geração, através da palavra e das ervas, muitas vezes combatendo o desconhecimento e as imposições externas, como quando a sua avó fez uma mistura de ervas para salvar sua vida, ainda bebê. Para ela, **a oralidade não é apenas um método de cura, mas um exercício de resistência.** A transmissão dos saberes curativos e espirituais, seja através das ervas, dos rituais ou das orações, é uma maneira de manter viva a memória coletiva de um povo que, por séculos, foi silenciado.

Mãe Josiane ao relatar o sonho em que a voz de sua avó a guiava no processo de benzeção, revela-nos como **a palavra é tanto um meio de cura quanto um canal com os saberes antigos.** “Eu acabei de receber a benzeção da avó”, ela diz, mostrando como, para as benzedeiras, as palavras e os rituais não seguem apenas a lógica do cotidiano, mas se fundem com a espiritualidade.

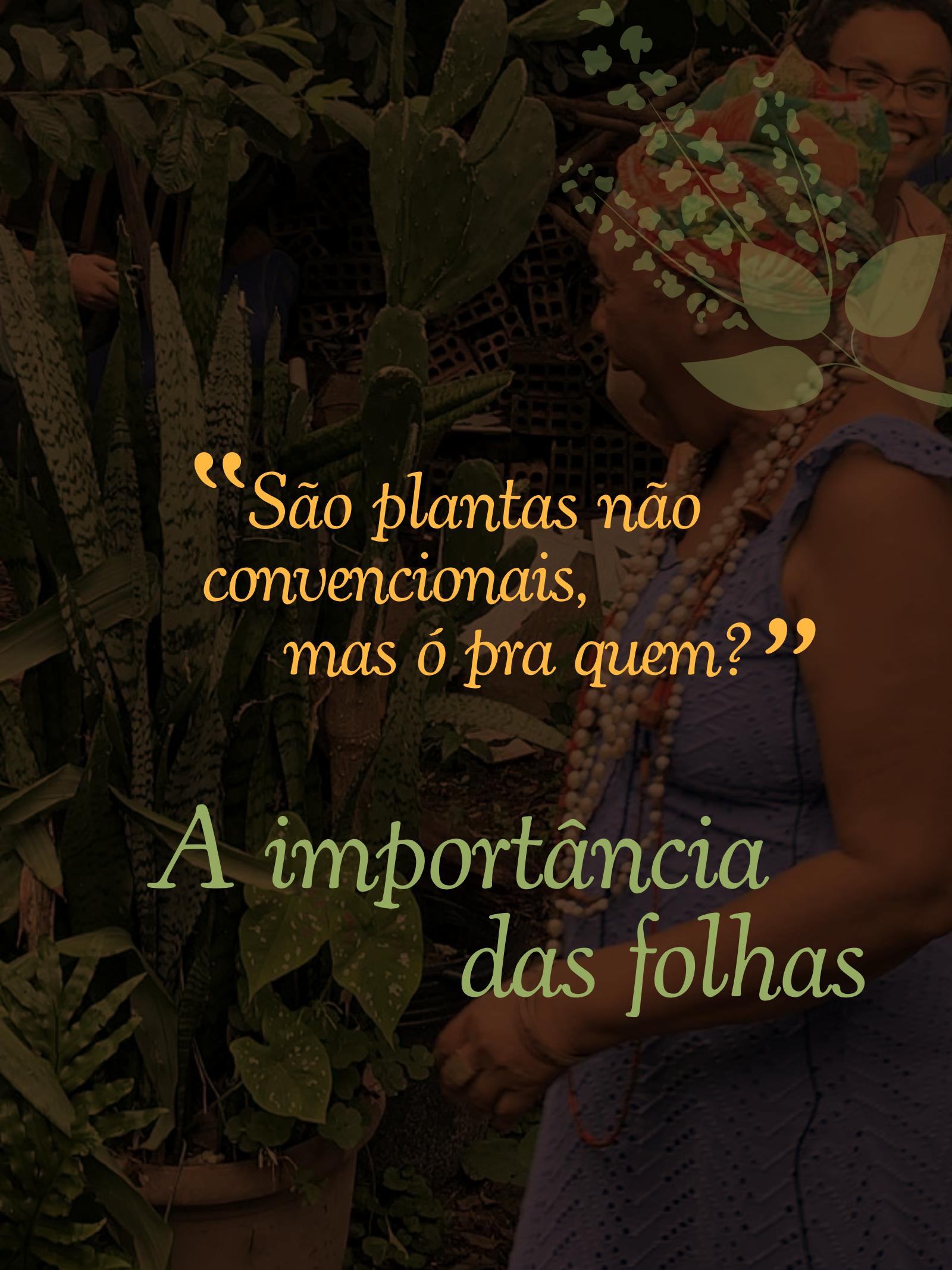
Rainha Belinha expressa com nitidez o poder da palavra, destacando a importância da fala como força de transformação. Ela afirma: “Pô, se eu te falar uma coisa, que é um mantra, chama assim, toda palavra de cura, quem fala, confirma o poder da palavra. Toda palavra de cura, quem fala, confirma o poder da palavra. Toda palavra de cura, quem fala, confirma o poder da



palavra." Ao repetir a frase, ela reforça a ideia de que **a palavra tem um impacto direto sobre a realidade e sobre quem a pronuncia**. Ela também compartilha uma lição sobre o perdão e a autocura, dizendo: "Oração do perdão mútuo. Meu irmão, eu te peço perdão por qualquer coisa que você tenha me feito, nesta ou em outra vida, consciente ou inconsciente. Meu irmão, eu te perdoou por qualquer coisa que você tenha me feito, nesta ou em outra vida, consciente ou inconsciente." Por fim, ela destaca a importância de pedir orientação divina antes de falar, para que suas palavras cumpram a sua missão: "Eu sempre, quando eu vou em uma fala, eu peço a Jesus que me abençoe, que as minhas palavras sejam flechas, que atinjam mentes e corações."

Nos caminhos das benzedeiras, a palavra é bálsamo e sopro de cura. No ato de benzer, a fala se entrelaça ao gesto, ao toque leve, às rezas que atravessam gerações. "Imagina você que os terreiros recebem gente de tudo que há", diz Maria José. "E é um primeiro sopro, né? Quando a pessoa está muito agitada, perturbada, ou mesmo com inflamação na pele, e você vem benzer, e a pessoa senta aqui comigo e conversa." A escuta é remédio. **O acolhimento é parte da cura. A oralidade, nesse ofício ancestral, não é apenas um veículo, mas substância da própria benzeção.**



A woman with glasses and a colorful patterned shirt, smiling and holding a small potted plant.

“São plantas não
convencionais,
mas ó pra quem?”

A importância
das folhas

Ao ensinar sobre as folhas, Maria José compartilha não só saberes botânicos, mas um universo de cuidados e afetos. “Conhece o óleo de copaíba? Conhece o barbatimão?”, pergunta ela, trazendo à tona a sabedoria das matas. “Às vezes eu até preparam para a pessoa -Maria José, que maravilha! - uma semana depois. O pessoal me para pra falar.”

As ervas são o elo entre a natureza e a cura, um conhecimento que se perpetua no tempo e na prática. Rainha Evelina reforça essa conexão, aliando o poder das folhas à força espiritual: “Eu ensino a tomar um banho de descarrego. Se achar folha, arruda, guiné, pode misturar aquilo tudo. Toma um banho de descarrego, com sal grosso. É muito bom, reza pro anjo de guarda, na hora que tá tomando aquele banho.” As folhas, aqui, não são meros ingredientes, mas portadoras de energia, de proteção e de equilíbrio. “Bota atrás da orelha, né? É bom. Porque a gente não conhece as pessoas que estão do lado da gente.”

A sabedoria das benzedeiras vai além do corpo e alcança a alma, tocando territórios invisíveis. Mãe Neli se recorda de sua infância imersa nos saberes das ervas: “Eu não passo sem o boldo, sem a folha de goiaba, sem a folha de laranja, sem a folha do limão. Tem as minhas plantas específicas, eu tenho o jaborandi, que eu uso muito o jaborandi junto com a minha pipoca.” São segredos guardados no tempo, cultivados nas casas, transmitidos como herança viva. **“Hoje deram nomes variados, hoje falam que são plantas PANCs, são plantas não convencionais, mas ó, pra quem?”,** questiona, com o olhar de quem sabe que o extraordinário se esconde na simplicidade sofisticada de quem sempre soube que no fundo do quintal se cultiva, desde há muito tempo, as folhas que curam e alimentam. “O segredo da laranjeira, o segredo da flor de laranjeira, o segredo da alfazema, o segredo da guiné”, enumera, **destacando o poder invisível que se oculta nas folhas e que é necessário ter respeito, disciplina e sabedoria.**

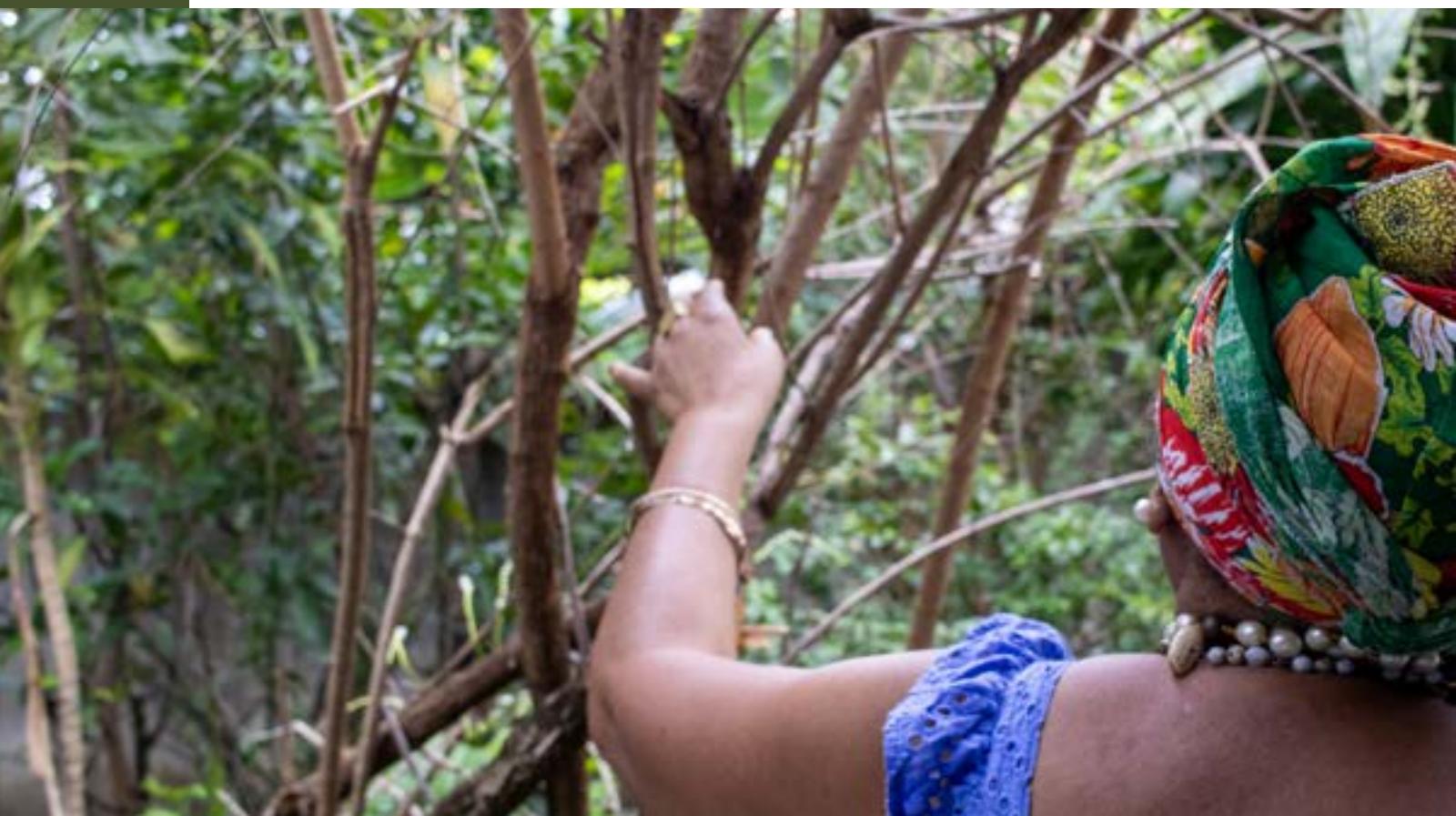
Mãe Neli, assim como tantas outras benzedeiras, aprendeu a cultivar, a respeitar e a transformar as ervas em remédio: “Na minha casa tinha jardim de ervas, como manjericão, alecrim, poejo. A gente tomava muito chá de poejo para gripe e para tudo. Tinha o jardim de ervas e tinha as folhas. Tinha o nabo. Vocês já ouviram falar de peixinho? Pois é, quando não tinha carne lá em casa, fritava o peixinho, passava no ovo, porque lá em casa o que tinha era ovo, porque tinha doze galinhas daquelas vermelhas, e elas botavam.” O jardim, nesse contexto, é mais do que um espaço verde, é um altar, um repositório de saberes ancestrais, um refúgio de cura e proteção. E alimento!

O ofício de benzer é também resistência. Mãe Josiane sente a injustiça da história e o peso do apagamento: “A queima das bruxas, até hoje a perseguição não acabou. As benzedeiras, tudo que não envolvia de alguma



forma dinheiro, foi retirado e desqualificado.” Mas a tradição resiste na memória e na prática diária, na cura que não precisa de selo oficial para ser verdadeira. **“As pessoas esqueceram que as plantas são feitas de remédio ou então são imitações de moléculas. Aliás, que as plantas são a base dos remédios e que os remédios, às vezes, imitam as moléculas das plantas.”** Enquanto reitera a importância de retomar o controle sobre a própria saúde, Mãe Josiane lembra do que aprendeu desde pequena: “Meu primeiro contato com essa saúde, com esse lugar que eu nem tinha essa consciência, foi com a minha avó materna, que sempre que eu precisava de alguma coisa, ela ia lá, pegava um mato, fazia um chá para mim. E em alguns momentos ela usou cachaça, eu era criança, sim, mas o álcool é base de remédio, sim, e ela fazia coisas para mim. O remédio mais potente que eu já tive de cólica, ela fazia escaldando cachaça com açúcar. E era maravilhoso, né?”

Em cada reza soprada, em cada erva escolhida, em cada conselho passado de geração a geração, a palavra das benzedeiras se mantém viva. Não é apenas conhecimento transmitido; é força, é identidade, é território sagrado. Na força das folhas que, de “não convencionais”, nada têm, pelo menos nas mãos certas. No sopro quente da benzeção, persiste um chamado ancestral que insiste em resistir. Porque, como ensinam aquelas que sabem, a cura também mora na palavra e na terra, nos jardins cultivados com fé, na erva colhida com intenção, na folha que carrega em si o segredo da vida.





“Candomblé é
filosofia de vida”

Mulheres
de tradição

Guardamos as palavras que nos guardam. Guardamos os ritos, os caminhos abertos, os encantamentos antigos que atravessam nossos corpos como um chamado. Ekedi, palavra yorubá, fala de quem preserva a tradição, de quem vela a ritualística com olhos atentos. Maria José nos lembra que, mesmo ao estudar filosofia em Minas Gerais, encontrou-se na travessia:

“Essa palavra em Yorubá está muito ligada a guardar a tradição, guardar a ritualística. Então, enquanto Ekedi, eu não incorporo, o meu negócio é com o conhecimento da tradição. Então fui estudar filosofia em Minas Gerais. **Estudar filosofia é uma fantasia. É um curso muito difícil, mas eu precisava conhecer aquilo que de certa forma nos negam. Então, assim, é um conhecimento todo ocidentalizado e eu falo assim, mas eu também sou uma filósofa. Candomblé é filosofia de vida.**”

Conhecimento é responsabilidade. Nos terreiros, no caminhar do Reinado, no brilho das contas e nos tambores que ecoam histórias, há um saber que se tece no encantamento. Maria José acolhe quem chega com dúvidas, muitas vezes impregnadas de medo: “Uma outra coisa que é muito comum nesses 25 anos de trabalho, é as pessoas virem saber sobre Exu. E eu tenho uma grande responsabilidade, um grande respeito pela família de Exu, que não tem nada a ver com o que ensinam e o que dizem sobre essa entidade, essa divindade. **E aí as pessoas também, eu sinto que elas saem gratas, sabe? Porque conhecer é muito importante, o conhecimento é muito importante.** Então eles chegam e me perguntam, olha, mas só pra você ter ideia, eu atendo evangélicos, eu atendo católicos, sabe?”

Porque, no fundo, toda relação se sustenta na permissão de conhecer o outro, de honrar o que veio antes e, ao mesmo tempo, saber que a história é nossa para ser vivida. Como Rainha Belinha diz: **“Alguém já caminhou para você chegar onde você está.** A gente tem nove mulheres na nossa retaguarda. Como é que chega nove mulheres atrás de nós? A sua mãe tem duas avós. Você tem duas avós. As suas avós têm duas avós. Você está entendendo? Então, três gerações já deu essas nove mulheres. Essas nove pessoas, ou que sejam homens, ou que sejam mulheres, essas nove ancestrais. E essas, no caso das mulheres, são mulheres que já passaram por coisas que a gente não passa hoje.”

E há encantos que revelam caminhos. Mãe Neli viu seus guias se apresentarem na beira da sua cama, viu a Cigana da Praia lhe entregar um destino que ela jamais havia imaginado: “Eu comecei lá no bairro Nova Esperança com uma coisa muito boa, que eu só tenho que agradecer aos meus Orixás. Porque todos eles que chegaram, eles se apresentaram para mim de madrugada. Eu sou fulana de tal, vou fazer isso, isso, isso na sua vida. Na beirada da minha cama. Eu acordava, olhava assim, tava parado lá perto de mim. Então, quando veio essa cigana, era a Cigana da Praia,

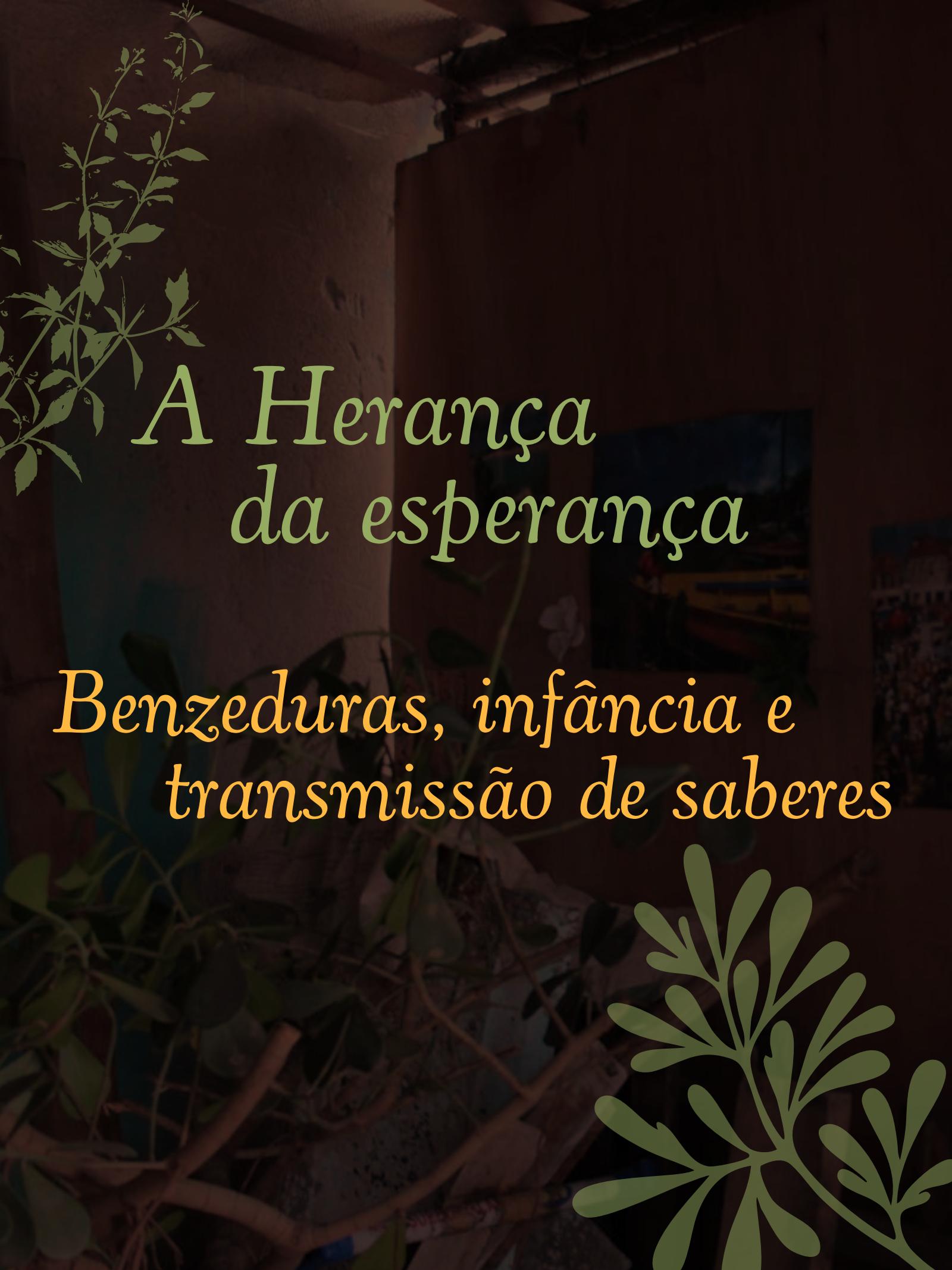


“ela veio, falou assim, você vai trabalhar e você vai colocar cartas. Eu, professora de matemática, eu vou colocar cartas? Ela me deu todas as instruções para eu fazer, eu fiz.”

Josiane chegou ao terreiro temendo os espíritos, temendo a ruptura com a fé herdada, com o silêncio imposto. Mas, ao encontrar os Pretos Velhos, encontrou também um saber profundo sobre as plantas, sobre a cura, sobre o que não se apaga: “E aí na hora que eu finalmente consigo chegar no terreiro, porque eu tinha medo do terreiro, tinha medo do espírito, tinha medo de tudo, tinha pavor, minha família é católica, naturalmente, da linha muito beata, então o apagamento estava lá e eu tinha medo dos espíritos e falei, se eu passar numa porta dessa eu não sei se eu vou sair, e eu não queria passar. E aí, quando eu finalmente consigo chegar nessa Umbanda, eu me deparo com os pretos velhos que aí tem toda uma sabedoria profundíssima sobre plantas.”

No Rosário, se aprende a “botar sentido”, ensina Rainha Belinha. No Reinado, se aprende a força da retaguarda, o poder das nove mulheres que nos sustentam, das mães, das avós, das bisavós que pisaram esse chão antes de nós. Mas há também o direito de dizer: “Eu tenho que ter o livre-arbítrio para fazer o que eu achar melhor. Você já viveu o seu tempo, eu tenho que viver o meu. Tipo, é colocar elas no lugar delas, porque elas não podem intervir. Ela pode te acompanhar, te proteger, te ajudar a escolher, a ter força para poder caminhar, mas não pode intervir. Então, quando a gente fala com elas dessa forma, você dá uma parada nelas.” E há o que se planta com o espírito. Rainha Belinha fez seu jardim e buscou uma entidade para tomar conta. Mas foi surpreendida: “Aí eu pensei várias coisas e foi assim. Sou eu que vou tomar conta desse jardim, ele me disse. Esse é o caboclo do pai da minha mãe. Da minha... meu avô. Gente, isso é federal demais. Eu falei, meu Deus, que isso, nossa senhora, que coisa linda, entendeu?”

Entre Exu e a Virgem Maria, entre os Pretos Velhos e os Caboclos, entre os saberes das águas e o caminhar dos mestres, há um fio que une, que entrelaça, que sustenta. **A relação com outras tradições não é disputa, é somatória, é aprendizado de uma oralidade que sabe falar sem dizer, ver sem olhar, ouvir sem escutar. Porque há uma sabedoria que se manifesta no corpo, na dança, na força de quem caminha sabendo que a estrada já foi aberta, mas é preciso seguir adiante.**



A Herança da esperança

Benzeduras, infância e
transmissão de saberes

O futuro é um campo aberto, como aquele que Rainha Evelina descreve nos olhos das crianças que ainda sabem ver. **“Quando a gente é criança, parece que tem mais... Um campo aberto para ver, para escutar, para sentir. Mas às vezes o adulto chama a atenção da criança, como se aquilo fosse só imaginação. Fosse só impressão da criança”**. A infância é um tempo em que os véus entre os mundos são mais finos, onde a mediunidade não encontra barreiras de descrença, onde o sagrado é vivido sem nome e sem culpa. Mas e depois? Como preservar esse dom que se esconde entre os dias apressados da vida adulta? Como garantir que a sabedoria ancestral continue a fluir como um rio, sem se tornar represa?

Maria José sabe que a tradição é uma herança, mas não uma herança de posse, e sim de entrega: **“Os Orixás pra mim são a minha herança.”** E essa herança não se guarda num baú, não se cristaliza em um passado intocável. É um rio que precisa correr, um conhecimento que precisa ser dito, contado, vivido. “Agora, curiosamente falando, hoje, entendendo a importância de se preservar a tradição, eu também escolheria esse caminho.”

As benzedeiras, como Mãe Neli e Mãe Josiane, **sabem que seu trabalho não é só curar dores, mas também curar esquecimentos**. “Rezo não se cobra. Benzedura é algo que é ultrajante quando eu escuto coisas desse nível. Mas não, o mundo não está acabando. A gente só precisa resistir e continuar.” Mãe Josiane não fala só de curas físicas, mas de uma sabedoria que pertence ao coletivo, um saber que não pode ser apropriado, domesticado, empacotado para consumo.

E é nesse movimento de resistir e continuar que a esperança se tece. Rainha Evelina recorda a menina do reinado que dançou para ela, antes de tomar a bênção. Como se soubesse, ainda que intuitivamente, que aprender é um ato de corpo inteiro, que conhecimento não é só palavra, mas gesto, ritmo, presença.

Rainha Belinha diz: **“A gente aprende que a espiritualidade te acompanha, mas ela não pode te invadir.** Ela tem que te acompanhar, te auxiliar, te mostrar o porquê que você tem aquela proteção”, e reafirma: o dom não se impõe, ele se revela a cada passo, na medida que se aceita caminhar com ele.

Mas nem todo caminho é fácil. Mãe Neli nos lembra que sua própria existência é um compromisso, uma sobrevida concedida não por acaso. “Por duas vezes, minha mãe escutou: vai morrer em casa. Se era pra eu morrer em casa, não era pra eu estar aqui conversando com vocês.” Ela está aqui porque há algo a ser feito, algo a ser ensinado. Ela passa conhecimento como quem passa um conselho de avó: “A espada de São Jorge, ela abre caminho. A espada de lansã, ela vence demanda. Mas... Aqui ó, é folha tóxica, você não pode dar receita para ninguém, porque serve para receber as energias.”



Transmitir o saber é um ato de responsabilidade. Saber o que pode ser compartilhado, o que deve ser guardado, o que precisa ser vivido para ser compreendido. E, no meio desse aprendizado, Rainha Belinha nos lembra que **“os nossos passos não são passos comuns, de pessoas comuns, não. Nós somos pessoas especiais.** Nossos ancestrais eram pessoas especiais. Mas ser especial não é privilégio, é compromisso.

E o compromisso com a tradição não é reproduzir o passado de forma inerte. Como diz Maria José, “eu acredito que, naturalmente falando, não é assim. Eu acho que tem que vir à tona o que é essa tradição. É daí que exige conhecimento.” Saber de onde viemos para entender para onde vamos.

Rainha Belinha, em sua sabedoria de quem caminha sem medo de partir, diz: “Eu estou semeando. Se, quando eu for embora, alguém pegar essas frutas, essas plantas novas, ela vai utilizar da maneira que ela puder.” O futuro não está garantido, mas está sendo plantado. E mesmo que os jarros se quebrem, mesmo que os caminhos se curvem, a esperança segue germinando.

Porque, como diz Mãe Neli, “Nós nascemos para vencer.”





Corpos Intermediários e a fé como instrumento



A benzeção é um ato de fé, uma prática que transcende o visível e se articula com o invisível, onde o toque, o gesto, a palavra e o pensamento se entrelaçam na busca pela cura e pela renovação. As benzedeiras, com suas mãos sábias, transformam o cotidiano em um espaço de transformação espiritual, e seus instrumentos são as pontes entre o humano e o divino.

Maria José, ao falar de sua prática, revela o olhar atento que vê o sofrimento individual de cada pessoa. “Às vezes a pessoa chega aqui e me pede um benzer, e cada pessoa é uma pessoa, né? Cada pessoa traz ali, uns estão muito tensos, outros estão muito deprimidos,” ela diz. O poder da benzeção está nesse olhar singular e profundo, em perceber os elementos que precisam ser ativados para uma cura, seja uma florzinha branca de Aster ou as folhas de Arruda e Guiné, que em sua simplicidade carregam a sabedoria ancestral. Como ela bem aponta, **“cada qual com o seu instrumento”**, cada benzedeira escolhe ou recebe o que de mais sagrado deve ser invocado, o que de mais divino precisa ser acessado para restaurar o equilíbrio da alma.

A fé, no entanto, é a condição essencial para que esse processo aconteça. Mãe Neli afirma com convicção amorosa: **“Benzeção é prática e fé. Porque eu não acredito, sabe? Eu não acredito que a pessoa, num bom aperto, se ela não tiver fé, ela não vai sair.”** A prática da benzeção não é só um movimento físico, é um ato de entrega ao sagrado, é a crença de que a força divina transcende a mente humana, é o vínculo entre o ser e o universo. A fé é o combustível que move cada palavra, cada gesto, cada oração, tornando o benzer um espaço de purificação e transformação interior.

Rainha Evelina, que benze até pelo telefone, transcende as barreiras físicas do corpo, revelando que a força da benzeção não conhece limites. Ela relata: “Tem gente aí dos Estados Unidos, uma senhora, não sei como que ela me descobriu.” A benzeção, então, se desmaterializa, alcançando todos os cantos do mundo, provando que a conexão espiritual não depende de espaço físico, mas da capacidade de se abrir para a energia do outro, da confiança mútua na intervenção divina. Para ela, é o rosário, a arruda, e o ato de rezar que levam o sofrimento embora. A planta e a oração tornam-se as ferramentas que comunicam com o sagrado, moldando a realidade da pessoa que busca alívio.

Rainha Belinha, por sua vez, traz consigo uma sabedoria afiada de que a benzeção é envolta na brandura do cuidado direcionado, como se a força divina estivesse além das escolhas humanas. Ela diz: **“Se a pessoa for benzida e ela não quiser ser benzida, ela não recebe? Recebe. Porque a força divina é uma força muito limpa, muito linda. Querendo ou não, você vai receber.”** A benzeção, então, não é apenas uma prática de cura, mas de entrega. A cura acontece na resistência e na entrega simultâneas, na aceitação do poder superior que age, ainda que muitas vezes a pessoa não compreenda sua

totalidade. A intervenção divina é fluida, como o movimento de um rio que segue seu curso independentemente das margens que o contêm.

Os instrumentos utilizados pelas benzedeiras carregam não só um simbolismo, mas uma relação direta com o que é sacralizado e transformado. Mãe Josiane fala com emoção sobre suas cruzes feitas com a arruda e o café podado: **“Um é de uma arruda que secou, e a cruz é dessa arruda. O outro é de um café que foi podado.”** Essas cruzes são mais que objetos; são registros de uma sabedoria ancestral que se manifesta por meio dos elementos da natureza. A planta, o café, o rosário, tudo é tecido com as mãos e os pensamentos das benzedeiras, onde o sagrado se manifesta no que é simples, no que é natural, no que vem do chão e da terra.

Belinha lembra que o benzer também é um ato de abraço, algo que não se aprende em livros, mas no toque, na energia que transborda: **“Tem vezes que eu benzo com terço, tem vezes que eu benzo com rosário, tem vezes que eu benzo com folha, seja ela qual for e tem vezes que eu não benzo com nada. Faço prece, ponho a mãozinha onde eu achar que tem que pôr.”** O abraço, ela diz, tem poder. Um gesto simples, mas carregado de uma energia capaz de transmutar, de curar. O gesto de abraçar, com todo o seu poder de acolhimento e proteção, é a tradução da fé: **“É uma coisa fora de série quando eu entendi isso. Que aquele abraço que a pessoa me pedia era uma coisa poderosa.”**

E os cantos e rezos, esses que atravessam gerações, são também instrumentos fundamentais para Rainha Belinha, como a canção de sua avó que ecoa em sua memória. Ela nos transporta para um tempo sagrado, onde o canto se torna a oração que limpa, que transforma, que purifica: “Se tiver praga de alguém, desde já seja retirado, levando pro mar ardente, pras ondas do mar sagrado.” O canto é uma ferramenta sagrada, capaz de levar o mal embora, de transformar a energia negativa em algo puro. **Assim, cada benzedeira, com seu repertório de gestos, cantos e palavras, transforma a realidade na qual está intervindo.**

A benzeção, no sentido mais profundo, é um encontro entre o humano e o divino, onde as palavras, os gestos e os objetos se tornam canais de cura. E, ao relacionarmos as falas de Ekedi Maria José, Rainha Evelina, Mãe Neli, Mãe Josiane e Rainha Belinha, podemos perceber como essa prática é um movimento que ultrapassa o físico, tocando as esferas mais sutis da alma e da mente. A benzeção se dá não apenas pela aplicação de uma fórmula mágica ou pelo uso de plantas e orações, mas também pela habilidade de acolher a dor do outro e pela fé que permeia todo o processo.

Maria José, ao refletir sobre as doenças contemporâneas como a depressão e a ansiedade, nos alerta sobre os efeitos do ritmo acelerado da vida moderna. Ela diz: **“O nosso ritmo não é ritmo de algoritmo, né? O indivíduo tem que ter um tempo para leitura, o indivíduo tem que ter um tempo para poesia.”** Em suas palavras, há um aviso ao descompasso entre a velocidade imposta pela sociedade atual e a necessidade humana de pausa, de introspecção e de conexão com o essencial. A benzeção, nesse contexto, é um antídoto para essa aceleração: “Vamos ter tempo para a prece, para a meditação, para a poesia.” Aqui, a prática da benzeção se torna uma forma de reconectar a pessoa com seu tempo interior, com o aqui e agora, afastando-a da angústia do futuro e da melancolia do passado, trazendo-a de volta ao presente, ao corpo e à alma.

Este afastamento da aceleração da vida também ressoa na experiência de Rainha Belinha, que compartilha como, muitas vezes, a pessoa que busca a benzeção “só quer conversar”. Ela explica: **“Às vezes a pessoa vem benzer e fica aqui três horas, porque primeiro eu vou perguntando, a pessoa vai falando uma coisa e outra, entra num assunto, entra num outro.”** A escuta, o tempo de pausa, de acolhimento, é um primeiro passo fundamental no processo de cura. Aqui, a benzeção se inicia não com o uso imediato de ervas ou preces, mas com o simples e profundo gesto de ouvir, de permitir que a pessoa se expresse e se libere do peso do mundo que a oprime. O diálogo, esse ato de abrir o coração e de dar espaço para o outro, é o primeiro movimento de cura, antes que qualquer palavra ou folha seja utilizada.

Rainha Belinha também fala sobre a energia positiva que deve permear o ato de benzer, destacando a importância da intenção pura: **“A energia de benzer, energia de pensar bem para o outro, ela começa no chão, em você, é uma espiral que te rodeia tanto, até sair de você e atingir o outro lá, ele querendo ou não.”** Nesse sentido, o benzer não é apenas um ato de “curar” fisicamente, mas um gesto profundo de transmissão de energia, que nasce na intenção, no pensamento e se espalha de maneira quase invisível, mas poderosa. A benzeção, portanto, se torna um movimento energético que não só cura a pessoa que busca a ajuda, mas também purifica quem a oferece, criando uma rede de proteção e cuidado entre ambos. É, como Maria José destaca, um antídoto contra o estresse da vida moderna, um retorno ao essencial: a escuta, a pausa, a prece como poesia.

Mãe Neli, com seu ensinamento de que a benzeção é “prática e fé”, ressalta a importância da crença no processo de cura. “Se você não tiver fé, você não vai sair”, afirma com convicção. Não é apenas o conhecimento técnico das plantas ou das orações que faz a diferença, mas a crença sincera de que o ato de benzer pode transformar. Essa fé é o combustível que torna cada palavra e gesto poderosos. Quando Mãe Neli diz que a fé move montanhas, ela nos lembra de que a verdadeira transformação vem da intenção pura,

do vínculo com o divino e da confiança no poder da espiritualidade. A benzeção, para ela, não é só uma prática cotidiana, mas uma prática que é, acima de tudo, enraizada na fé. Sem fé, nada acontece; mas com fé, a cura é possível.

Mãe Josiane, por sua vez, nos fala sobre a sua prática da benzeção, destacando o papel dos objetos sagrados como símbolos e ferramentas. "Eu tenho os meus dois textos de benzeção", ela diz, e segue descrevendo como utiliza a arruda, o rosário e outras plantas de acordo com sua intuição. **A benzeção, aqui, é como o ofício de um artesão, uma manifestação de fé que envolve não apenas a repetição de orações, mas também a criação e a adaptação de objetos sagrados, que carregam em si a energia da cura.** O uso de elementos como a arruda ou o café podado não é apenas uma prática repetitiva, mas um ato de invocar o sagrado por meio do que é familiar e cotidiano, um modo de manifestar a espiritualidade na materialidade do mundo.

Esse movimento criativo se conecta diretamente com o que Maria José sugere ao falar da importância do tempo para a poesia e a meditação. A benzeção não é uma repetição mecânica; é um espaço de manifestação e expressão, onde o toque e a palavra se tornam instrumentos de cura. Portanto, a benzeção é muito mais do que uma prática ritualística: é uma resposta às doenças espirituais e emocionais da modernidade, como a depressão e a ansiedade. Ela nos convida a desacelerar, a escutar e a criar, a devolver à vida o ritmo natural e o tempo do sagrado. Se, em um mundo marcado pela aceleração do "algoritmo", como bem aponta Maria José, o ser humano perde seu tempo para a poesia, então a benzeção se torna um convite urgente a retomar esse ritmo, a encontrar, nas palavras, nas plantas e nos gestos, a cura para as feridas invisíveis que nos afigem.





Patrimônio Imaterial do Estado:

Nuances entre tradições e instituições

A patrimonialização de manifestações culturais, sociais e imateriais é um processo que envolve muito mais do que a simples oficialização de um bem simbólico por parte do Estado. **Trata-se de um ato político e cultural que reconhece a importância de práticas sociais, saberes, crenças e expressões que compõem o tecido identitário de determinados grupos e comunidades.** Esse reconhecimento se insere em dinâmicas complexas de memória, pertencimento, visibilidade e disputas por legitimidade no espaço público. Ao tornar uma manifestação um patrimônio imaterial, o Estado opera um **gesto de valorização que pode contribuir para o fortalecimento das identidades locais, a proteção de práticas ameaçadas e a promoção do respeito à diversidade cultural.**

No entanto, esse processo não é neutro nem está isento de tensões. Muitas vezes, as comunidades envolvidas desconhecem as etapas, os critérios e as consequências da patrimonialização. Há o risco de que o bem patrimonializado passe a ser visto como algo cristalizado, descontextualizado ou apropriado por lógicas institucionais e mercadológicas que se distanciam dos sentidos atribuídos originalmente pelas próprias comunidades. Por isso, torna-se imprescindível que **o processo de reconhecimento como patrimônio imaterial venha acompanhado de ações pedagógicas continuadas, voltadas à formação crítica e à ampliação da participação social.** Essas ações devem fomentar o diálogo entre os órgãos responsáveis pela preservação, pesquisadores, educadores e, sobretudo, as pessoas que vivenciam e mantêm vivas essas manifestações no cotidiano.

Exemplos como o reconhecimento do ofício das baianas de acarajé, o samba de roda do Recôncavo Baiano ou o modo de fazer queijo minas artesanal revelam como a patrimonialização pode tanto empoderar comunidades quanto gerar novos desafios. Em todos esses casos, iniciativas educativas e espaços de escuta ativa foram essenciais para que a população envolvida compreendesse o valor simbólico e os impactos práticos do reconhecimento. **Somente com a aproximação efetiva entre os saberes locais e os saberes técnicos, mediados por processos pedagógicos sensíveis e contextualizados, é possível garantir que o patrimônio imaterial não se torne uma abstração, mas sim uma ferramenta de resistência, valorização, continuidade e preservação da memória coletiva.**

As benzedeiras desempenham um papel fundamental como agentes de saúde, reunindo saberes ancestrais aprendidos com os mais velhos e práticas voltadas ao restabelecimento do bem-estar físico, emocional e espiritual das pessoas. **Sua atuação está intimamente ligada ao território e à comunidade em que vivem, o que as torna referências importantes na construção de identidades locais e no fortalecimento dos laços comunitários.** Apesar desse valor, muitas ainda exercem seu ofício de forma discreta ou o

abandonam devido ao preconceito e à falta de reconhecimento formal. No entanto, cresce o reconhecimento de sua importância, inclusive pelo SUS, e está em tramitação um Projeto de Lei¹ que reconhece como de relevante interesse cultural, social e imaterial do Estado de Minas Gerais, as figuras das Benzedeiras e dos Benzedeiros, bem como o ato de benzer, reforçando a necessidade de preservar e valorizar esses saberes tradicionais como parte essencial da diversidade cultural e da promoção da saúde no estado.

A ideia de transformar a benzeção e as benzedeiras em patrimônio imaterial, por meio de um projeto de lei, é um movimento de valorização legítima e necessária de uma prática de saúde ancestral e essencial para muitas comunidades. No entanto, ao direcionarmos o olhar sobre as palavras das benzedeiras que participaram desta conversa, surgem questões que provocam uma reflexão crítica necessária sobre as possíveis consequências desse processo.

Maria José, por exemplo, vê no **Projeto de Lei da benzeção uma forma de fortalecimento da cultura e da herança**. Para ela, tornar a benzeção uma lei pode reforçar o reconhecimento público da prática. Esse reconhecimento, em sua visão, traria visibilidade àquilo que é, muitas vezes, oculto e transmitido em círculos fechados, com segredos que fazem parte da intimidade dessa prática. O que pode ser falado e divulgado, no entanto, precisa ser feito de maneira cuidadosa, preservando os mistérios e a força espiritual do benzer. “É tudo que a gente pode falar publicamente sobre o benzer”, afirma Maria José, evidenciando a complexidade do movimento entre o visível e o invisível, entre a cultura popular e o respeito ao segredo.

Porém, quando se pensa na oficialização dessa prática, o que pode se constituir enquanto um fortalecimento da coletividade, pode também transformar a benzeção em um objeto de avaliação e julgamento externo, algo que pode distorcer sua essência. Mãe Josiane levanta uma questão ao refletir sobre os potenciais benefícios e riscos desse Projeto de Lei. Ela destaca que, por um lado, a oficialização poderia trazer “dignidade financeira” para algumas benzedeiras, especialmente aquelas que vivem em condições precárias e estão em situações de vulnerabilidade social. Ela imagina que isso poderia garantir o sustento dessas mulheres, dando-lhes uma forma de reconhecimento e de segurança, algo que a prática da benzeção, por si só, muitas vezes não oferece.

Entretanto, Mãe Josiane aponta uma outra face dessa moeda: a possível “perversidade” do sistema que viria com a oficialização da benzeção. “Vai

¹PL 2024 de 2024 - Texto original - Assembleia Legislativa de Minas Gerais

vir o sistema... julgando, avaliando parâmetros", ela afirma, expressando **sua preocupação de que esse processo acabe por padronizar, controlar e até excluir muitas benzedeiras que estão à margem do sistema institucional**. A burocratização de uma prática que, muitas vezes, transcende as classificações institucionalizadas, pode resultar em uma perda de autenticidade. O sistema de avaliação que ela antecipa poderia acabar por excluir aqueles que, por sua condição geográfica ou social, não têm acesso às normas e aos parâmetros exigidos.

É importante também refletir sobre o impacto na dinâmica de poder entre as próprias benzedeiras. Maria José, ao mencionar o fortalecimento da herança cultural, sugere que **o movimento poderia proporcionar uma maior visibilidade à prática, talvez até dignificando as benzedeiras como portadoras de saberes valiosos**. No entanto, como Mãe Josiane alerta, a classificação oficial pode gerar disputas internas, e quem teria autoridade para decidir quem é uma "verdadeira" benzedeira?

Rainha Belinha, ao longo de sua fala, revela um ponto de vista sobre o valor intrínseco e espontâneo da benzeção, algo que não depende de um aval externo para existir ou ser eficaz. "Eu trabalho com o que eu tenho", ela diz, apontando que sua prática não é pautada por padrões formais, mas pela experiência, pela sabedoria transmitida por gerações e pela fé que se carrega. Essa autenticidade e tradicionalidade podem ser tensionadas, quando o sistema entra em cena, trazendo com ele os critérios de medição e avaliação que, em última instância, podem enfraquecer a natureza da benzeção, que é algo que nasce do cotidiano, da experiência real com as pessoas, o território e a natureza.

Ao refletir a partir das impressões das próprias protagonistas, um pressuposto fundamental certeiro: **nada se faz sobre elas, sem elas**.





SALVE JORGE



A benzeção é um gesto antigo, como um sopro suave que atravessa o tempo. Suas palavras não são meras palavras; são encantamentos que tocam o invisível, o que está além do corpo e da mente. Elas vêm carregadas de histórias que se entrelaçam entre gerações, como um fio dourado que nunca se rompe, mas se tece de novo a cada toque, a cada olhar, a cada prece.

Maria José, que trouxe de São Francisco do Conde as heranças de Obaluayê e Yemanjá, nos ensina que o benzer não é apenas um ato; é um fortalecimento da alma, uma maneira de se conectar com as raízes mais profundas, aquelas que nos sustentam quando as tempestades da vida nos desafiam. Ela diz: "Eu trouxe minhas memórias, minha crença, e isso me fortalece." E é essa força que transita entre o sagrado e o cotidiano, entre o passado e o presente, que a guia e a torna, como tantas outras, portadora de uma sabedoria ancestral. Ela benze com as mãos, mas suas mãos carregam a voz das avós, a sabedoria da terra e do mar, e a força do feminino negro, que atravessa tempos e espaços.

Rainha Evelina, com a memória de seu pai benzendo pelas ruas, carrega em si um saber que não é apenas transmitido por palavras, mas por visões, por encontros com o mistério. A fumaça que ela viu na infância, a transformação da visão que se desenrolou diante de seus olhos, é o sagrado que se revela no silêncio. "Presta atenção", dizia seu pai, e assim, com paciência, ela aprendeu a ver o que os outros não veem. O benzer para Rainha Evelina é também esse encontro com o invisível, com o que mora no ar, nas ervas, nas palavras que não precisam de tradução, mas de sensibilidade para serem captadas.

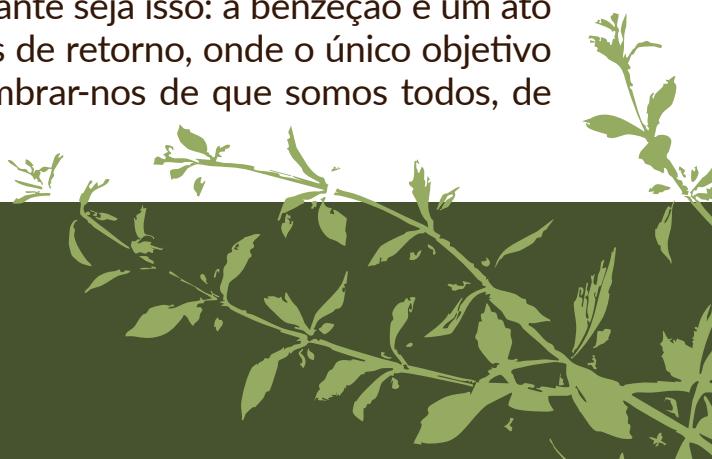
Mãe Neli, com sua vivência entre as ervas e as preces, traz a memória viva da terra. "Eu nasci no meio das ervas, nasci no meio da oração", ela nos diz. E é nas ervas, no simples e curador toque das plantas, que ela encontra o remédio não só para o corpo, mas para o espírito. O saber de suas ancestrais, de sua avó, que sabia encontrar nas folhas a cura para a dor, se mistura com a fé que move a oração. Mãe Neli nos ensina que o saber não está apenas nos livros. Sua sabedoria é como a raiz que se enterra na terra, mas que não se esquece de florir, de ser luz na escuridão.

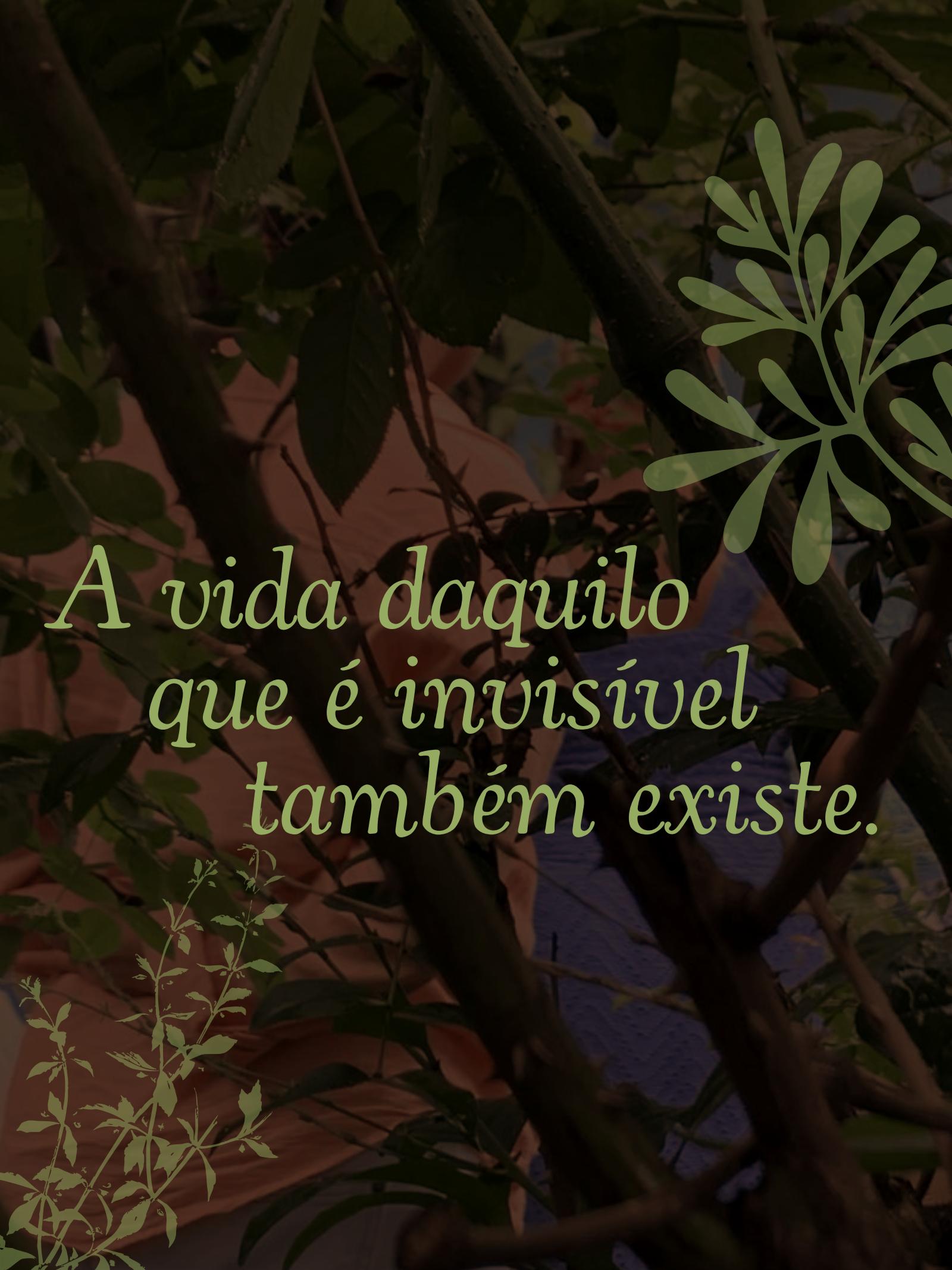
Mãe Josiane, por sua vez, nos fala de uma benzeção recebida em um sonho, como um presente da sua avó que já havia partido, e isso nos lembra que a benzeção não tem fronteiras, não conhece o limite do tempo. O benzer, para Mãe Josiane, é um fluxo contínuo entre o vivo e o ancestral, entre o visível e o invisível. Ela teve a graça de receber o saber das mãos que já não podiam mais tocar a terra, mas que tocavam o coração. “Eu acabei de receber a benzeção da avó”, ela diz, e com isso nos ensina que a cura não se limita a um corpo presente; ela atravessa o plano do visível e chega até nós de maneiras misteriosas, através de sonhos, visões e intuições.

Rainha Belinha, com sua sabedoria que vem da simplicidade refinada das coisas cotidianas, nos lembra que o benzer é também um ato de escuta, de sintonia fina com o mundo. Ela fala de um “tino”, uma percepção que nasce do olhar atento, da escuta silenciosa da vida, do gesto simples que traz a resposta que procuramos. “A resposta é ancestral”, diz ela, e isso nos leva a entender que o saber não está fora de nós, mas dentro, esperando ser despertado. É a sabedoria da terra, da água, dos animais, dos gestos cotidianos, que nos fala o que precisamos saber, se soubermos ouvir.

Essas mulheres, com suas histórias entrelaçadas por raízes profundas, nos ensinam que a benzeção é muito mais do que um simples gesto de cura. Ela é uma manifestação de amor incondicional, uma entrega generosa e genuína, uma dádiva que se transmite sem se cobrar nada em troca. No ato de benzer, elas tocam algo que é invisível, mas que sentimos: o afeto que transcende, a presença de algo maior que nos envolve e nos cura, muitas vezes sem que sequer percebamos.

O poder das ervas, o toque das mãos, a palavra que escapa suavemente dos lábios – tudo isso se mistura em um quadro simples e, ao mesmo tempo, profundamente complexo. A benzeção é uma arte de escutar o que o corpo diz e, ao mesmo tempo, o que o espírito clama. **Elá vem de longe, da memória das mulheres negras que passaram suas vidas cuidando dos outros com aquilo que tinham: a palavra sagrada, o toque de cura, a sabedoria ancestral. Elá vem daqueles todos que fizeram da terra o principal território de subsistência e resistência, porque foi aprendido que, em comunidade, as chances de viver e prosperar são maiores.** Elá vem das mãos que acudiram e zelaram pelos seus vizinhos, parentes, amigos e conhecidos nos lugares em que, muitas das vezes, o médico do jaleco branco não chegava. E, no final, talvez o mais importante seja isso: a benzeção é um ato de generosidade, uma entrega sem promessas de retorno, onde o único objetivo é aliviar a dor, curar a alma, e, sobretudo, lembrar-nos de que somos todos, de alguma forma, responsáveis uns pelos outros.





A vida daquilo
que é invisível
também existe.

Essa frase esteve em um dos meus sonhos. Anotei na beirada de um papel assim que despertei pela manhã. Eu, Júlia Elisa, incumbida da missão privilegiada e de imenso cuidado responsável ao mapear, contactar, escutar, transcrever e escrever modestamente essas páginas. Gostaria que vissem elas como uma singela homenagem. Peço a gentileza de não procurarem aqui por categorizações definidoras, tampouco, grandes revelações. Respeito os segredos e admiro os mistérios.

A “vida daquilo que é invisível também existe” estava escrita de terra, como se alguém tivesse derramado punhadinhos ao formar cada letra. Desenhada numa faixa branca, estava pendurada numa gameleira enorme localizada na praça próxima à casa onde cresci, na zona norte de Belo Horizonte. Ela ainda se mantém majestosa e firme na terra em que foi plantada e por onde brincam crianças parecidas comigo, quando eu também brincava por ali.

Escolho, intencionalmente, colocar-me neste material precioso somente ao final. É natural para nós, pessoas de axé, deixar que as mais velhas digam antes de nós. As protagonistas estão muito bem localizadas ao longo dessas linhas compartilhadas até então. No entanto, sinto a incumbência do que foi escutado, com a profundidade sensível em que era necessária.

Existem referências- documentárias e acadêmicas- que decidiram pesquisar a benzeção e a relação com as benzedeiras, de maneira muito respeitosa. É verdade, não existe uma religiosidade, classe social, gênero, sexualidade, raça ou cor que determine, de fato, o poderio eminentíssimo no ofício de benzedeiras e benzedores. Homens e mulheres, católicas e candomblecistas, negras e brancas, todas essas pessoas podem ser encontradas quando estamos contando sobre o ofício de benzer.

Diante de uma constelação tão vasta de histórias, decidir como e qual delas será contada pode ser tão valioso quanto a própria narrativa. Escolher compartilhar sobre as histórias de cinco mulheres negras de tradição é um gesto, modesto e íntimo, de devolver à ancestralidade, a grata manifestação dela mesma em minha vida. Tão expressiva a ponto de me conceder a oportunidade de passar horas conduzindo essas conversas e me emocionar na mesma proporção em que recebi aprendizados. Também fui benzida e senti os fios invisíveis e consistentes que conectam as “mulheres que estão na minha retaguarda”, como ensinou a Rainha Belinha.

A vida daquilo que é invisível também existe, portanto, após terem percorrido as páginas que antecedem o nosso encontro aqui, convido você a visitá-las novamente, como se fosse você mesmo, de olhos permanentemente marejados ao escutá-las, tal como eu estive. Na primeira conversa agendada, fiz um bolo de milho para levar. Comprei as espigas, ralei, quebrei cuidadosamente os ovos e todo o restante no liquidificador. Aprumei-o com



um pano de prato limpinho e, quando cheguei, ainda estava fumegante. O cheiro dele entrou antes de mim no recinto. Pedi licença a toda força, visível e invisível, que estava ali presente e que também me acompanhava, certa de que, a vida disso tudo também existe e é, inevitavelmente, viva!

Aqui estão fragmentos das trajetórias imensas e complexas dessas cinco mulheres. É a escolha de uma narrativa coletivizada. É um desejo público de que haja, cada vez mais, oportunidades de escolhermos a memória que vamos decidir plantar no mundo. E, quando digo mundo, estou me referindo às possibilidades de direito a dizer sobre si, pois todas elas, Rainha Belinha, Rainha Evelina, Mãe Neli, Ekedi Maria José e Mãe Josiane, quando falaram de si, trouxeram consigo a força do passado e a esperança no futuro.

Sou muito grata pela confiança entregue.

À bênção!

Salve aos encontros!

De fato, eu (só) sou

porque nós somos.





Ficha Técnica

Sesc em Minas Gerais

Presidente do Sistema Fecomércio MG, Sesc e Senac em Minas: **Nadim Elias Donato Filho**

Direção Regional: **Alberto Moreira Vieira**

Direção de Programas Sociais: **Jacqueline Corrêa Lustosa**

Gerente de Cultura: **Manuella Abdanur de Paula M. Paiva**

Bença a Benza

Execução técnica: **Gerência de Cultura Sesc em Minas**

Produção executiva: **Ana Gabriela Ferreira de O. Gomes e Maria Carolina Fescina Silva**

Pesquisa, Concepção, Organização, entrevistas e textos: **Júlia Elisa**

Assistente de Pesquisa: **Samara Souza**

Projeto Gráfico: **Drika Oliveira**

Registro, edição, conceito e projeto audiovisual: **Vitú de Souza**

Registro e edição audiovisual: **projeto LABmais/Sesc Floresta**



